



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

Figuras da Dança

ANTONIO CARLOS CARDOSO



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA | FIGURAS DA DANÇA

Em seu segundo ano, o projeto *Figuras da Dança* continua a levar para a cena a obra de artistas fundamentais na construção da dança no Brasil.

Antonio Carlos Cardoso pertence à geração de gaúchos que na década de 1960 viajou para o Rio de Janeiro para tentar a carreira de bailarino no Theatro Municipal, a única companhia de dança profissional da época.

Enquanto fazia o serviço militar, em Porto Alegre, já participava das aulas de balé com sua primeira professora, Marina Fedossejeva, com quem iniciou os estudos, depois de ter se interessado pelo teatro e pela música.

Desde então percorreu muitos caminhos no Brasil e no exterior e realizou importantes ações que marcaram

> Na década de 1960 em São Paulo (foto: acervo pessoal do artista)

« [capa] Antonio Carlos Cardoso no Balé Teatro Castro Alves, 1981 (foto: Gilberto Melo)

a dança brasileira. De temperamento forte e combativo, sem nunca recusar um bom desafio, sua presença sempre foi marcada por muitas ideias e um grande conhecimento sobre as artes em geral.

Como bailarino se destacou pela versatilidade em abraçar novos estilos e propostas, que alimentaram sua imaginação para mais tarde coreografar, dirigir e criar companhias de dança.

Sua primeira grande oportunidade de colocar em prática sua experiência veio quando Marilena Ansaldi e José Luiz Paes Nunes, então na Secretaria Municipal de Cultura, lhe fizeram o convite para retornar da Bélgica e dirigir o Corpo de Baile Municipal de São Paulo (hoje Balé da Cidade de São Paulo), na década de 1970.

Foi uma revolução. O repertório criado marcou não só várias gerações de profissionais da dança e do público em geral, mas de outras áreas artísticas, tornando a companhia referência de modernidade e profissionalismo até os dias de hoje.

Na década de 1980, uma proposta para criar uma companhia de dança em Salvador representou outra grande chance de abrir novos caminhos para a dança no Brasil e ele a seguiu com todas suas energias. A criação

do Balé Teatro Castro Alves levou o nome dessa cidade para além das fronteiras nacionais com enorme sucesso.

Em Salvador, também iniciou a carreira de fotógrafo paralela à de professor e de diretor artístico da companhia. Seu trabalho não se limitou ao registro da dança e foi exposto em várias oportunidades.

Generoso por excelência, abriu portas e deu oportunidade a muitos artistas, que tiveram seus talentos revelados e deram continuidade a suas obras. Estamos diante de uma importante figura da dança nacional que, com sua competência, nunca recuou diante das dificuldades de fazer arte profissional e de qualidade no nosso país.

Iracity Cardoso

DIRETORA DA SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA





O artista certo no lugar certo

Transformações culturais, por mais que pareçam soltas no tempo e no espaço, enraízam-se sempre em mudanças acontecidas anteriormente. Antonio Carlos Cardoso foi o homem certo no lugar certo para, em 1974, tirar o Corpo de Baile Municipal da letargia em que se encontrava. No entanto sua ação, que resultou no abandono de um repertório baseado nos clássicos do século XIX e na construção de um grupo diferenciado de intérpretes, não aconteceu por acaso.

A dança moderna teve seu ponto de inflexão no início do século XX com Isadora Duncan (1877-1927) e os Balés Russos, de Serge Diaghilev (1872-1929). O Corpo de Baile, ao deixar de lado as sapatilhas de ponta e os tutus românticos, estava mais de 50 anos atrasado em relação à dança que se fazia em muitos países. Em 1974, o Brasil já havia conhecido a bossa nova e o tropicalismo, as Bienais e a arquitetura de Oscar Niemeyer, Glauber Rocha (1939-1981) e o Cinema Novo. Pelas mãos de Antonio Carlos,

> Com Ariane Asscherick, coreografando x para o Real Ballet de Flandres, na Bélgica, 1973
(foto: acervo pessoal do artista)

a principal companhia de dança profissional da cidade de São Paulo tornou-se sintonizada com o que de melhor se fazia no Brasil em outras linguagens artísticas.

Nessa época, Maria Duschenes e Renée Gumiel (1913-2006) já plantavam, havia algum tempo, sementes de inquietação nos corações e mentes de uma nova geração de intérpretes, trabalhando na contracorrente do que acontecia nas academias e escolas de dança mais tradicionais. Em 1965, Klaus (1929-1992) e Angel Vianna chegaram ao Rio de Janeiro com novas propostas de consciência corporal para atores e dançarinos. Ou seja, existia em 1974, uma rede de vasos comunicantes envolvendo bailarinos, diretores, coreógrafos e estudiosos na busca pela renovação da cena brasileira, tanto no teatro quanto na dança.

Balés ditos brasileiros, de temática indígena na sua maioria, aconteciam no Theatro Municipal do Rio de Janeiro desde o Estado Novo. A partir de sua criação, em 1971, o Ballet Stagium procurava colocar no palco coreografias que expressassem o homem brasileiro e sua complexidade. Nessa linha de investigação apresentou, em 1972, *Diadorim*, coreografia baseada em Guimarães Rosa. A tentativa de abordar temas contemporâneos através de um tipo original de movimentação cênica

estava, portanto, em andamento pelas mãos de vários grupos e coreógrafos. O Corpo de Baile tornou-se, com Antonio Carlos Cardoso, mais um grupo a se juntar nessa procura.

O Corpo de Baile Municipal, criado em 1968 e dirigido inicialmente por Lia Marques e Johnny Franklin, forneceu a Cardoso e sua equipe um conjunto estruturado no rigor da técnica clássica ensinado na Escola Municipal de Bailado. O aspecto negativo dessa herança foi a resistência apresentada por algumas bailarinas em aderir às propostas da nova direção. O abandono das sapatilhas de ponta e as contorções da dança moderna eram, para elas, heresias. Essas moças também ficaram chocadas com aspecto meio *hippie* do novo diretor, de barba e cabelos compridos, e com a quebra da hierarquia entre dirigentes e bailarinos, uma vez que o ambiente de trabalho se mostrava mais descontraído. Com sabedoria, Antonio Carlos afastou esse grupo de dissidentes, primeiro das aulas da companhia e depois dos ensaios dos novos trabalhos. Por outro lado, a consistência de intérpretes como Ivonice Satie (1950-2008), Waldívia Rangel, Léa Havas, Esmeralda Monteiro, Vera Carneiro, entre outras, garantiu a Antonio Carlos Cardoso material humano suficiente para os novos voos que estavam se desenhando nas salas de ensaio.

Sônia Mota, bailarina, e Victor Navarro, coreógrafo, foram contratações de peso para engrossar as fileiras do novo Corpo de Baile. Ruth Rachou introduziu a técnica Graham na companhia, dividindo as aulas de dança contemporânea com o próprio Antonio Carlos. Iracity Cardoso, além de bailarina, acumulou as funções de assistente do diretor artístico e Marilena Ansaldi atuava como assessora artística. Antonio Carlos, como condutor da equipe, montou um grupo de profissionais que dividiam as tarefas da produção dos espetáculos aproveitando o fato de que a existência de um corpo estável mantido pelo serviço público, portanto livre das exigências do mercado, garantia uma base sólida para as mudanças implantadas.

Ao lado do embate estético, a direção artística lutou com a burocracia da prefeitura. Contratos para os novos intérpretes, lentidão nas licitações de compras, além da falta de infraestrutura e da morosidade dos funcionários do teatro, eram aspectos do trabalho aos quais Antonio Carlos se entregava de corpo e alma sabendo que eram fundamentais para a implantação das decisões artísticas. A noite da estreia, em novembro de 1974, compensou todos os esforços. Rui Fontana Lopes comentou sobre



esse primeiro programa: “(...) foi esse espetáculo que me cativou para a arte da dança (...)”¹ O público também ficou encantado com a nova identidade da companhia, e as temporadas do Corpo de Baile garantiram críticas positivas para as novas coreografias.

Em 1974, meses antes do programa de abertura da nova gestão, o palco do Teatro Municipal havia sido sacudido pelos espetáculos do diretor americano Bob Wilson, *Life and Times of Dave Clark*, e do encenador argentino Victor Garcia (1934-1982), *Yerma*, com interpretação de Núria Espert. A estreia de quatro novas coreografias assinadas por Antonio Carlos Cardoso, Marilena Ansaldi e Victor Navarro inscrevia-se, de igual para igual, com os espetáculos estrangeiros, na tendência de renovação das artes cênicas da cidade de São Paulo. Era, de fato, o início de uma nova era para a nossa mais importante companhia de dança, sintonizada, a partir daquele momento, com o que melhor se fazia na cena mundial.

Antonio Carlos Cardoso, ao assumir a direção artística do Corpo de Baile Municipal, aos 35 anos, trazia na sua formação o mesmo conjunto eclético de tendências que

imprimiu ao grupo a partir de sua posse no novo cargo. Nascido em Porto Alegre, formou-se, como toda sua geração, dentro do balé clássico. Começou a dançar aos 17 anos e sua primeira mestra foi Marina Fedossejeva, ex-solista do Kirov. Na passagem pelo Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, teve aulas com Tatiana Leskova e Eugenia Feodorova (1925-2007). Nas mãos dessas professoras refinou sua técnica e aperfeiçoou sua expressividade. Como tantos intérpretes dessa geração, garantiu seu sustento na televisão e nos shows, na noite do Rio de Janeiro. Os grandes musicais da televisão precisavam de bailarinos bem treinados e com habilidade para aprender rapidamente novas coreografias que se renovavam a cada semana. Foram os shows de Carlos Machado (1908-1992), no Golden Room do Copacabana Palace, que abriram, para Antonio Carlos, as portas para um tipo de espetáculo que valorizava uma empatia imediata com a plateia.

Ao mudar-se para São Paulo continuou a participar dos programas de televisão e tomou parte nos shows da Rhodia, nas feiras de negócios da área têxtil. Idealizados por Lívio Rangan (1930-1984), os desfiles da Fenit (Feira Nacional da Indústria Têxtil) eram concebidos como grandes espetáculos, feitos para apresentar

1. Frase extraída do site do Balé da Cidade.



novos tecidos aos compradores, mas que apresentavam cantores, atores e bailarinos repartindo o palco/pas-sarela com as supermodelos da época, Mila Moreira entre elas. Antonio Carlos participou de *Momento 68*, ao lado de Raul Cortez (1932-2006), Gilberto Gil e Caetano Veloso, e de *Build Up* (1970), com Rita Lee, Jorge Benjor, Paulo José e Tim Maia (1942-1998).

A importância dessa fase profissional na trajetória de Antonio Carlos é inegável. Foi através desses trabalhos que forjou sua matriz como um coreógrafo capaz de harmonizar um grande número de intérpretes. Ele também menciona Lennie Dale (1934-1984) como figura importante na sua formação artística. Dale, bailarino americano, contribuiu, por exemplo, para que Elis Regina e Maria Bethânia incorporassem gestos e movimentos do corpo às suas interpretações. Sua influência em determinada geração de atores e bailarinos se consolidou através de aulas de jazz e do grupo Dzi Croquettes, que lançou a moda da androginia nas artes cênicas com espetáculos de feitura impecável.

Enquanto ganhava a vida nos shows e na televisão, Antonio Carlos Cardoso prosseguia na sua vida de intérprete da “dança séria”, nas suas próprias palavras. Participou

de pequenos grupos de duração efêmera como o Sociedade Ballet de São Paulo, de Halina Biernacka (1914-2005). Em 1971, procurou “mostrar a Dança como arte atual” no espetáculo *Dança Viva* em parceria com Marilena Ansaldi, Iracity Cardoso e Marilene Silva. Numa época em que os espetáculos ficavam poucos dias em cartaz, *Dança Viva* ocupou o palco do Masp por dois meses e viajou pelo interior do Estado de São Paulo.

Ao assumir a direção artística do Corpo de Baile, Antonio Carlos era um artista inquieto, sintonizado com as transformações de sua época, e trazia na sua formação a marca de uma experiência multifacetada construída no Brasil e em duas temporadas na Europa. Veio da Bélgica por indicação de Marilena Ansaldi, a convite de José Luiz Paes Nunes, responsável pelo Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo. Trazia da Europa, além de experiências como bailarino, um curso de composição coreográfica com Hans van Manen, importante criador da dança moderna. Portanto, assumia a direção artística do Corpo de Baile Municipal um profissional com sólida experiência de intérprete, com conhecimento coreográfico e manifestando uma vontade férrea como administrador. Era, enfim, o homem certo no lugar certo.

Dança Viva, com Marilena Ansaldi, Iracity Cardoso, Marilene Silva e Antonio Carlos Cardoso, 1970 (foto: Gerson Zanini) >



Na primeira temporada do novo Corpo de Baile, a marca da gestão se fazia notar antes mesmo da entrada do público na sala de espetáculos. O programa distribuído no saguão do teatro trazia um projeto gráfico criado por Cyra Moreira Gomes de Araújo, que obrigava o espectador a desmontar uma espécie de envelope com fotos e textos em folhas soltas e a relação das coreografias dispostas em um círculo. Um poema concreto, no fundo do envelope, brincava com as palavras dança, corpo e movimento. Para quem estava acostumado aos insípidos programas do Teatro Municipal, com informações quase sempre incompletas, era uma surpresa. O programa indicava também que as coreografias seriam embaladas pelas músicas de Pink Floyd, Hermeto Paschoal, Herbie Mann (1930-2003), Miles Davis (1926-1991) e dos Beatles. Apenas Vivaldi (1678-1741) representava certo alívio para os tradicionalistas.

Após a abertura das cortinas para a primeira coreografia da noite, *Uma das Quatro*, os bailarinos entravam à meia-luz e em câmera lenta pelo lado direito do palco, como se pedissem licença para entrar naquele espaço. Após os acordes iniciais, as luzes todas se acendiam e os bailarinos se espalhavam tomando posse de um palco

que lhes pertencia por direito. Iniciavam, em seguida, uma sucessão de movimentos, concebidos por Victor Navarro, absolutamente arrebatadora. A movimentação dos intérpretes, em perfeita sintonia uns com os outros, acompanhava a melodia numa concepção quase clássica. Os tradicionalistas puderam respirar aliviados. A arte da dança, na sua forma mais pura, estava preservada.

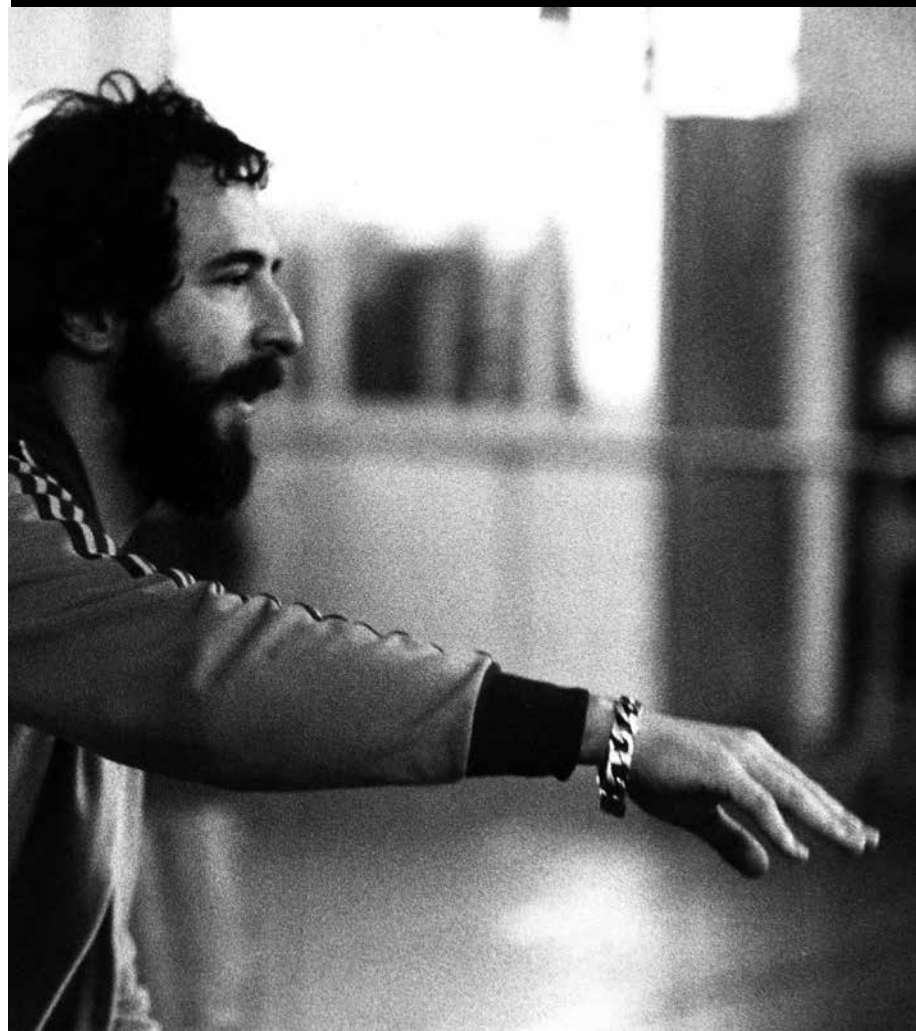
Mas o que pensar de *Medeia*, na concepção de Marilena Ansaldi, transcrevendo o mito grego em movimentos convulsivos e apresentando ao público, no final, as cabeças das crianças mortas? Ou da estranha concepção de *Sem Título*, de Antonio Carlos Cardoso, com os bailarinos envolvidos por uma rede de belíssimo efeito cênico? A noite terminou com a certeza de que o Corpo de Baile, pelas mãos da nova direção artística, havia fechado um ciclo e iniciava uma nova era. Os amantes da dança aplaudiram.

A consistência da nova orientação se revelou nos anos seguintes. Além de coreografar, Antonio Carlos teve a sabedoria de convidar outros coreógrafos, de tendências diferentes, para criar obras para um grupo renovado com a contratação de novos intérpretes. De Oscar Araiz, consagrado na Europa, a Célia Gouvêa, que remontou *Pulsões*, em 1976, apresentada originalmente no Teatro

Galpão, os convidados criaram obras memoráveis que figuram, com destaque, na história da companhia.

Oscar Araiz usou Mahler (1860-1911) em *Canções* (1976) e o rock de Grace Slick em *Mulheres* (1976). *Cenas de Família*, também de sua autoria, foi premiada pela apca em 1978, com destaque para o conjunto de intérpretes formado por Iracity Cardoso, Victor Navarro, Ana Maria Mondini, Mônica Mion e Solange Caldeira. Os prêmios recebidos pelo grupo se acumularam nos anos seguintes. Luis Arrieta ensaiou no Corpo de Baile seus primeiros passos como coreógrafo graças à abertura dada por Antonio Carlos ao criar workshops para novos criadores. Clyde Morgan, Marilena Ansaldi, Sonia Mota, Clive Thompson, além de Victor Navarro e do próprio Antonio Carlos, são os coreógrafos dessa época de ouro do Corpo de Baile.

Na sua empreitada teve uma equipe de total confiança, formada por Marilena Ansaldi, Iracity Cardoso e Victor Navarro e também cercou-se de artistas competentes das diversas áreas que dão suporte a um espetáculo. Contou, entre outros, com Hermeto Paschoal na criação de uma trilha original para *Paraíso?*. Usou a música de Astor Piazzolla (1921-1992) em *Soledad* (1975) e um



Na década de 1970, em sala de aula do Corpo de Baile Municipal
(foto: acervo pessoal do artista) >

poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) em *Nosso Tempo* (1976). Para cenários e figurinos, chamou Gianni Ratto (1916-2005), Flávio Império (1935-1985), Naum Alves de Souza e Murilo Sola, os melhores da época. Em *Percussão para Oito* (1977), com partitura original de Paulo Herculano executada ao vivo por um conjunto de músicos colocado no palco, num plano acima dos intérpretes, voltou às sapatilhas de ponta. Prevaleceu, durante toda a sua gestão, a ideia de que um espetáculo é a soma dos saberes de vários profissionais e que uma coreografia ganha dimensão artística quando concebida a várias mãos.

Antonio Carlos dirigiu o Corpo de Baile de 1974 a 1980, com um breve retorno em 1985. Seu trabalho como coreógrafo e diretor artístico do grupo marcou definitivamente a história da dança no Brasil. Em Salvador, a partir de 1981, com assistência de Ariane Asscherick, implantou o Balé Teatro Castro Alves, grupo que dirigiu até 2005, com alguns intervalos. Imprimiu ao grupo baiano a mesma visão artística construída em São Paulo e contou, nessa nova empreitada, com um grupo de intérpretes diferenciado, sem grande base técnica, mas com uma espontaneidade construída pelas danças populares e pela capoeira. Essa maneira de dançar da companhia

passou a ser sua marca e cativou plateias nacionais e internacionais, sendo Simone Rorato a assistente responsável por essas incursões no exterior. Antonio Carlos continua a atuar como professor convidado de várias companhias e agregou às suas habilidades artísticas o ofício de fotógrafo, captando, nas suas próprias palavras, “aquele instante que o olho humano não percebe, mas que a máquina fotográfica registra”.

Trabalhando no serviço público numa época em que a cultura brasileira vivia anos difíceis, conseguiu vencer a barreira da censura, tal como havia acontecido com o Stagium em *Quebradas do Mundaréu* (1975). Em plena ditadura, o grupo teve a coragem de questionar, no Teatro Municipal, a imagem do país que o governo militar apresentava na mídia. Em 1979, com *Aquarela do Brasil* Antonio Carlos justapôs imagens de um Brasil que se mostrava glorioso e um grupo de bailarinos vestidos com roupas de carneiros, ao som de “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo”, canção que a ditadura havia transformado em hino. A cada apresentação a coreografia incorporava, de maneira crítica, o noticiário recente dos jornais. A proposta era ousada e representava, na época, um gesto de resistência.

Acácio Ribeiro Vallim Junior

Antonio Carlos Cardoso | Cronologia

1939 Nasce em Porto Alegre, no dia 8 de outubro, filho de Jaci Fanfa Cardoso (1899-1970) e Julieta Magaldi Cardoso (1898-1953).

1957 Um amigo o leva a um grupo de teatro dirigido por Carlos Murтинho, na época um jovem e promissor diretor de teatro do Rio de Janeiro, que decidiu criar um teatro profissional em Porto Alegre. Desde esse primeiro contato com a cena, sabia que era o que queria.

1958/1959 Começa a fazer aulas de dança para ter mais ferramentas como ator. Com o apoio do cunhado, Jaime Praver, estuda dança em tempo integral com a mestra Marina Fedossejeva, responsável por sua formação como bailarino.

1960/1962 Vai para o Rio de Janeiro e torna-se bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Também faz programas para tv Tupi, tv Record e tv Rio e dança em shows no Copacabana Palace. Faz aulas com Tatiana Leskova e Eugênia Feodorova (1925-2007).

1964 Viaja por seis meses para o México com o musical *O Teu Cabelo não Nega*, de Carlos Machado, sobre Lamartine Babo.

1965 Faz audição no Ballet National de Marseille (França) e é contratado para a turnê de verão. Ingressa no Ballet da Opera Stadttheater Bonn (Alemanha).

1966 Muda-se para Karlsruhe (Alemanha) para dançar na companhia Badisches Staatstheater. Nasce sua filha Adriana Cardoso.

1967 Volta a São Paulo.

1968 Participa de programas televisivos e do desfile da Rhodia *Momento 68*, que, além de modelos, reunia músicos, atores, bailarinos e outros profissionais ligados à arte.

1969 Dança na Sociedade Ballet de São Paulo, de Halina Biernacka (1914-2005), e, incentivado por Ismael Guiser (1927-2008), cria *Sem Título* para a mesma companhia.

1970/1971 Ao lado de Marilena Ansaldi, cria o grupo Dança Viva e a coreografia com o mesmo nome, que fica em cartaz durante dois meses.

1972/1973 Volta para a Europa e dança no Real Ballet de Flandres, Bélgica. Cria *x* para o mesmo balé. Participa de uma oficina de composição coreográfica com Hans van Manen.

1974 Assume a direção do Corpo de Baile Municipal, que em 1981 passa a se chamar Balé da Cidade de São Paulo. Sua gestão é marcada pela grande transformação dessa companhia, construindo um repertório novo e sólido, com um perfil moderno. Estabelece uma forte parceria com Victor Navarro, que cria muitos balés para a companhia. Entre outros coreógrafos, também é responsável por revelar Luis Arrieta. Nesse ano, cria para o Corpo de Baile *Paraiso?*, com música de Hermeto Pascal. Permanece no cargo até 1980.

1975 Cria, para a Companhia de Dança Penha de Souza, *Tangata*, com música de Astor Piazzola (1921-1992).

Aos 3 anos, com a irmã e amiga



Escoteiro



Em 1958, na escola de Marina Fedossejeva



Partner em Lago dos Cisnes, em Porto Alegre



Com Gilberto Gil, no show da Rhodia Momento 68



Com Marilena Ansaldi, na década de 1970



Com Hermeto Paschoal, em 1974



Com o maestro Samuel Kerr



1976 Cria para o Corpo de Baile Municipal *Nosso Tempo*, um dos grandes sucessos da companhia, e *Soledad*, uma nova versão de *Tangata*.

1977 Coreografa *Percussão para Oito*, com música de Paulo Herculano, para o Corpo de Baile Municipal.

1979 Cria *Brahms e Aquarela do Brasil* para o Corpo de Baile Municipal. Ganha o prêmio Governador do Estado de São Paulo por serviços prestados à dança.

1980 Cria *Sol do Meio Dia* para o Corpo de Baile Municipal. Nasce sua segunda filha, Mayra Asscherick Cardoso.

1981 É convidado para criar e dirigir o Balé Teatro Castro Alves, cargo que ocupa até 1983.

1984 Coreografa a peça *Os Sete Pecados Capitais*, com direção de Celso Nunes. É artista convidado pelo governo americano no programa American State Government for the Cultural Exchange Program.

1985 Volta a dirigir o Balé da Cidade de São Paulo.

1986 Trabalha com a profissionalização de um grupo jovem da Academia de Balé da Bahia.

1987 É convidado para assumir novamente o cargo de diretor do Balé Teatro Castro Alves. Fica até 1988.

1988 É professor convidado da École de Dance de Genève, Suíça.

1989 Dá aula no Tanz-Forum, em Colônia, e no Balé da Ópera de Berlim.

1990 Em Portugal, é professor convidado da Companhia de Dança de Lisboa e do Balé Nacional de Portugal.

1991 Retorna ao Balé Teatro Castro Alves como diretor. Fica no cargo até 2005.

1992 Cria *Pássaro de Fogo* para o Balé Teatro Castro Alves.

1993 Sob sua direção, o Balé Teatro Castro Alves começa sua carreira internacional. Entre outros lugares, apresenta-se nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha e em Portugal.

1998 Paralelamente ao cargo de diretor do Balé Teatro Castro Alves inicia seus estudos na Casa da Photographia, em Salvador, com Marcelo Reis. Também frequenta o curso de Walter Firmo.

2001 É professor convidado no Balé Teatro Guaíra, em Curitiba. Coreografou para a Companhia de Dança do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, *De Buscas e Solidão* (música de Peter Gabriel).

2002 Depois de participar de várias exposições coletivas de fotografia, apresenta sua primeira exposição individual na galeria Pierre Verger, em Salvador, com fotos de dança e outros trabalhos.

2003 Faz nova exposição individual na galeria Pierre Verger, também com fotos de dança. Tem seus trabalhos publicados na revista *Ballettanz*, na Alemanha, nas edições de janeiro e novembro.

Soledad, 1975, criação para o Corpo de Baile



Com a filha Adriane



Pássaro de Fogo, coreografia para o Balé Castro Alves, 1991



O cunhado Jaime Prawer, fundamental na sua formação em dança



Com as filhas Mayra e Adriane



Com a atual mulher, Simone Rorato em Porto Alegre



2004 Apresenta sua primeira exposição no exterior, no teatro Triangle, em Rennes (França). Publica seus trabalhos na revista *Fotografe Melhor*.

2006 Participa de uma exposição coletiva na Casa da Photographia e apresenta a exposição individual *Uaikuru*, na galeria Pierre Verger, ambas em Salvador. Em Porto Alegre, apresenta a exposição *Uaikuru*, durante o festival Porto Alegre em Dança, e *Diversidades*, na Casa de Cultura Mário Quintana.

2007 É professor de um workshop no Centro Cultural São Paulo. Mostra sua exposição individual *l.a. dança*, na galeria Olido, São Paulo.

2008 Assume a coordenação de dança da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo. Participa de uma exposição coletiva no Centro de Cultura Judaica de São Paulo.

2009 Dá cursos na casa de cultura Mário Quintana, é professor convidado do Terpsi Teatro de Dança e atua como fotógrafo.

Cronologia por Flávia Fontes Oliveira



SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA

Em janeiro de 2008, foi criada a São Paulo Companhia de Dança, primeira companhia subsidiada pelo Estado, um antigo desejo da classe. A equipe tem à frente duas importantes personalidades da dança brasileira, Iracity Cardoso, com um currículo que inclui passagens por companhias mundialmente renomadas de Portugal, Suíça, França e Alemanha, além de um relevante papel na construção da dança nacional, e Inês Bogéa, ex-bailarina do Grupo Corpo e crítica de dança da *Folha de S.Paulo*, que contribui para o registro teórico e histórico da dança no Brasil através da produção de textos, documentários e livros, além do envolvimento em projetos sociais de arte-educação.

A São Paulo Companhia de Dança, desde sua criação, atua em três vertentes: difusão (produção e circulação de espetáculos), formação (educativo) e registro e memória. Cada uma dessas áreas amplia e repercute as obras e as atividades da instituição, com o intuito de formar plateias e disseminar o papel educativo e sensibilizador da arte, além de estimular a reflexão sobre a dança.



FIGURAS DA DANÇA

O projeto revisita a carreira de artistas que ajudaram a moldar a história da dança no Brasil. Ao lado de material iconográfico e outros registros audiovisuais, *Figuras da Dança* apresenta o artista por ele mesmo, em diálogo público com interlocutores convidados, gravados no Teatro Franco Zampari e posteriormente transformados em documentários exibidos pela tv Cultura.

Em seu primeiro ano, a Companhia produziu, em parceria com a Fundação Padre Anchieta e a Pipoca CineVÍdeo, cinco documentários partindo de depoimentos públicos de artistas emblemáticos da dança paulista: Ivonice Satie (1950-2008), Ady Addor, Ismael Guiser (1927-2008), Marilena Ansaldi e Penha de Souza.

Nesta segunda temporada, ao lado da Fundação Padre Anchieta e da Miração Filmes, a carreira de outros cinco nomes importantes para a dança brasileira será evidenciada: Ruth Rachou, Hulda Bittencourt, Luis Arrieta, Tatiana Leskova e Antonio Carlos Cardoso.

Além de difundir a história da dança para o grande público, a série é distribuída a escolas, universidades, instituições culturais e bibliotecas, servindo como material de referência sobre a trajetória dos artistas.

Figuras da Dança

ANTONIO CARLOS CAR-
DOSO

Teatro Franco Zampari

São Paulo, 11 de agosto de 2009.

depoimento público

Concepção

Projeto *Figuras da Dança*

Iracity Cardoso e Inês Bogéa

Coordenação e Apresentação

Inês Bogéa

Depoimentos de

Iracity Cardoso, Luis Arrieta, Marilena

Ansaldi, Paulo Herculano, Simone

Rorato

Direção do vídeo projetado Inês Bogéa

Direção de captação Sergio Roizenblit

Edição do vídeo projetado Charles Lima

Imagens

Acervo pessoal Antonio Carlos

Cardoso, Arquivo Multimeios/dadoc/

ccsp/smc/pmsp

Captação e Finalização

tv Cultura | Fundação Padre Anchieta e

Miração Filmes

Produção André Lucena Magro, Lina

Murano e Marília Alvarez

Agradecimentos

Arquivo Multimeios/dadoc/ccsp/smc/

pmsp

*Todos os esforços foram feitos para se identificar a autoria das fotografias

publicadas aqui. Caso reconheça a autoria

de quaisquer das imagens não creditadas,

por favor, contate-nos pelo e-mail comunicacao@

saopaulocompanhiadedanca.art.br

* Na cronologia, optamos por listar nomes, datas e outros dados de acordo com os registros escritos encontrados durante a pesquisa, mesmo correndo o risco de algumas ausências.

folder

Projeto gráfico

Mayumi Okuyama

Pesquisa

Inês Bogéa, Adriana Sant'Anna e Flávia

Fontes Oliveira

Fotografias Cronologia

Acervo pessoal Antonio Carlos

Cardoso, Gerson Zanini

e Adenor Gondim



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA

direção

Iracity Cardoso

Inês Bogéa

equipe de produção

Coordenador de produção e turnê

Luca Baldovino

Produtora executiva

Mirtes Mesquita

Produtoras

Sandra Lacal e Stela Leite

Assistente de produção

Elaine Galvão

equipe de comunicação, educativo e memória

Coordenadora

Flávia Fontes Oliveira

Comunicação

Marcela Benvegnu

Audiovisual

Charles Lima

Relações-públicas

Franceschina Vilardo

Assistentes de produção

André Lucena e Renata Amaral

Arquivista

Arani Arduini

equipe administrativa

*Coordenadora administrativo-
financeira* Sílvia Kawata

Assessora financeira

Mônica Takeda

Assessora administrativa

Cristiane de Oliveira Aureliano

Assistente financeiro

Eduardo Bernardes da Silva

Assistentes administrativo

Marli Bispo de Oliveira e

Bismarque Muniz

Auxiliar administrativo

Rosely Lima

Secretária de diretoria

Zélia Góes

Recepcionista

Edileusa Lopes Gomes

colaboradores

Assessora de comunicação

Marcy Junqueira

Designer Mayumi Okuyama

Consultoria jurídica

Maciel, Fernandes e Basso

Advogados e Hanna, Falavigna,

Mannrich, Senra e Vasconcelos

Advogados

Contratos internacionais

Olivieri & Signorelli Advocacia

Website Estúdio F.O.M.A.

Revisão de textos

Daniela Lima

governo do estado
de são paulo

José Serra

Governador do Estado

João Sayad

Secretário de Estado da Cultura

Ronaldo Bianchi

Secretário Adjunto

Sergio Tiezzi

Chefe de Gabinete

Carla Almeida Carvalho

Coordenadora da Unidade de Formação Cultural

a s s a o c

associação amigos

das oficinas culturais do estado de
são paulo

Lorenzo Mammi

Diretor Executivo

fundação padre anchieta

Jorge da Cunha Lima

Presidente do Conselho curador do fpa

Paulo Markun

Presidente

Carlos Wagner La-Bella

Diretor de Prestação de Serviços,

Produção Independente e Documentários

Marcelo Amiky

Diretor de Produção

Cícero Feltrin

Diretor de Captação e Marketing

são paulo companhia
de dança

Iracity Cardoso

Diretora

Inês Bogea

Diretora



REALIZAÇÃO

 **GOVERNO DE
SÃO PAULO**

ASSAC
ASSOCIAÇÃO AMBROSIO DAS FOLHAS
CULTURAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PRODUÇÃO


MIRACÃO
CULTURA



SÃO PAULO
COMPANHIA DE
DANÇA


FUNDAÇÃO
PADRE ANCHIETA

APOIO

 **Centro Cultural São Paulo**


PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA